

DF-saude Erro de Diagnóstico JORNAL DO BRASIL

O Sindicato dos Médicos de Brasília se mostra inconformado com um programa de televisão que satiriza o atendimento no Hospital de Base e vai à Justiça para preservar uma imagem que só existe na imaginação dos médicos. O Hospital de Base é aquele mesmo que motivou há alguns anos a famosa frase do deputado Magalhães Pinto: "O melhor médico de Brasília é a ponte-aérea."

Mais recentemente, no final de 1986, quando o Hospital de Base completava 27 anos, e já estava num estado de decomposição alarmante, o próprio governador de Brasília, José Aparecido, sentenciou: "Este hospital está pior do que o hospital de cachorros que acabo de inaugurar."

O que dizer mais de um hospital que tratou o próprio presidente da República (Tancredo Neves) como indigente? Esperava-se, ao menos, que providências fossem tomadas, para que o índice intolerável de infecção hospitalar (16%, quando o máximo admitido pela OMS é de 8%) fosse combatido. Este hospital é o retrato, em tamanho natural, do que acontece num país onde milhares de pessoas todos os anos morrem por causa de acidentes e erros médicos, efeitos colaterais de remédios e assim por diante.

O que fazem os médicos? Debruçam-se sobre seus problemas? Debatem a melhor maneira de inverter o rumo desorientado do atendimento médico? Meditam sobre suas deficiências? Preocupam-se com as 720 mil pessoas atingidas pela infecção hospitalar todos os anos? Preocupam-se com o aprimoramento da ética médica?

Nada disto. Voltam-se contra um programa de televisão, como se fossem a sátira e a crítica as responsáveis pela situação calamitosa da medicina brasileira. Trata-se de uma clássica confusão entre o rosto e a máscara, o problema e a denúncia do problema. Ao invés de atacar o problema, os médicos atacam a denúncia do problema — confusão que denota a existência de um formidável *esprit de corps* destinado a encobrir a existência dos problemas (as doenças) e a não permitir que sejam diagnosticados e curados.

Processar a imprensa deve ser muito mais fácil do que processar médicos pilhados em casos de erro médico, negligência ou omissão de socorro. Deve ser por isto que os Conselhos Regionais de Medicina raramente condenam seus associados, mesmo diante da apresentação abundante de provas contra eles. O professor Jayme Landmann já mostrou no seu livro *A ética médica sem máscara* que "atrás da fachada do pensamento médico atual se escondem inúmeros problemas não revelados e ignorados, que exigem amplo debate público, pois ameaçam nossa saúde e nossa vida".

Debate público é o que os médicos não querem. Como igualmente não desejam debate os responsáveis pela segurança pública. Não são raros os Secretários de Segurança que se insurgem contra a divulgação pela imprensa de crimes, índices de criminalidade e escândalos na própria polícia, achando que os jornais estão assim estimulando o crime, quando todo mundo sabe que o maior estímulo ao crime é a impunidade.

O Secretário de Polícia Civil do Rio não gosta quando se diz que neste estado se comete um assassinio a cada duas horas e os índices de criminalidade estão aumentando. Em outras palavras e com outro exemplo: quase 40% dos moradores do Rio, Niterói, Caxias, São João de Meriti, Nova Iguaçu e Nilópolis já foram assaltados ou roubados, metade deles mais de uma vez.

Dura realidade. A culpa é de quem? Da conjuntura e do desaparelhamento policial, ou da imprensa que divulga os fatos? Quem alarma não é a imprensa (nem mesmo a "imprensa escandalosa"), mas a própria realidade que infunde medo a uma população cada dia mais insegura.

A divulgação, a crítica, a sátira são meios de colocar o dedo no tumor, de chamar a atenção, não apenas da população, mas das autoridades, de exigir providências, de dialogar, de situar-se numa sociedade cheia de problemas. Caso contrário, a culpa acabará caindo sobre a vítima...